



I

A SÉ

A imponência da Sé resalta quando a miramos de qualquer ângulo.



A Sé é um monumento imponente

Aquela massa granítica foi feita para impressionar e, ao mesmo tempo, chamar a atenção das pessoas. Ela marca a cidade e a sua imponência foi, sem dúvida, a referência e desafio para muitos outros edifícios e poderes. Alcantilada sobre a penha com a sua postura vertical, a Sé vigia, há largas centenas de anos, as ruas e ruelas, os arcos e os nichos e também as casas e as pessoas, testemunhando as transformações que a cidade vai sofrendo. É o único edifício da cidade que, se falasse, nos contaria com todo o detalhe a evolução da Penaventosa.

A Sé é o embrião do Porto e, por isso, o seu verdadeiro centro.

É o centro espiritual da cidade, mas foi também durante muitos anos o centro político e administrativo ou, se quisermos, o centro do poder.

A zona que a rodeia é a mais típica da cidade e, apesar de muito alterada e de nos últimos setenta anos ter adquirido traços modernos, guarda os traços medievais, tudo numa perfeita simbiose.

Nos últimos anos, muito do espaço tem sido estudado e muita coisa nova se tem descoberto. Mas numa era de evidente feudalismo financeiro, as obras vão muito lentamente avançando, diminuindo o brilho daquele esmero que deveria fazer do Porto uma eterna Capital Europeia da Cultura.

O edifício Sé é um mundo de arte e um paraíso de artistas. Para quem a visita, é um precioso livro, com tantas páginas quantas as pedras que a constituem, e com tantas histórias quantas as renovações, adições e supressões que no tempo aí foram efectuadas. Um livro que acompanha a história dos homens, a história do gosto de cada um deles e ainda a história do poder de transformar. Homens que inexoravelmente transformaram a história de um Templo em história da própria Arte. Assim, a Sé passou pelo tempo e marcou-o, tal como foi marcada por ele.

Vamos começar a história da Sé de um modo diferente, ou seja, quase pelo fim. Começemos por recuar setenta anos, altura em que o mundo político tinha necessidade de potenciar as suas origens. Estranho mundo que, na tentativa de dar vida a um passado, quase destruiu o presente.





2

UM MONUMENTO EM REVOLUÇÃO CONSTANTE – AS CONTÍNUAS MUTAÇÕES

O tempo, esse grande companheiro de viagem da História, tem trazido ao Mundo homens de diferentes vontades e poderes, que se revelam mais ou menos abertos às evoluções e tem também trazido linhas de pensamento a que se associam correntes artísticas e arquitectónicas.

Vimos assistindo, no decurso dos anos, a uma contínua alteração dos edifícios históricos, que tentam adquirir uma “roupagem” mais consentânea com a Arquitectura da época que atravessam, constatando assim frequentes interpenetrações arquitectónicas, como é o caso do gótico no românico, da renascença no gótico e finalmente do barroco em todas as estruturas, muitas vezes tapando-as.

Possivelmente o barroco, fruto de um desafogo financeiro chamado Brasil, terá sido a época da arquitectura onde mais o espírito inovador se terá feito sentir e que, por incompreensão, o homem quase destruiu. Veremos que, no fundo, havia uma razão, que consistia na necessidade de chamada dos crentes, numa espécie de técnica de marketing que afinal não será tão moderna como poderemos pensar. Historicamente, tal técnica, com outros cambiantes, vem desde as civilizações Clássicas.

Em todo o caso, a explosão do barroco marca, na nossa cidade, um período de

criação de muitos monumentos de raiz e, simultaneamente, um período de transmutação de muitos monumentos antigos, dos quais a Sé é um exemplo emblemático.

Acontece que a história se faz de avanços e recuos, numa espécie de passo de peregrino que se caracteriza por dois passos para a frente e um para trás. Não querendo o avanço significar necessariamente progresso e o recuo significar retrocesso, as transformações são muitas vezes fruto de modas que existem tanto nas vestimentas dos humanos, como na dos templos.

Mas o ano de 1940 traz à cidade uma nova realidade baseada na necessidade de redescobrimto, que se transformará numa realidade de destruição organizada, culminada com a devolução das formas primitivas aos monumentos mais antigos da cidade.

Se a razão está ligada a factores políticos inerentes à época que o País atravessava, a verdade é que havia muitas personalidades que aderiram ao princípio, mais guiadas pelo purismo das ideias que pela intrincada teia de interesses políticos.

Diremos então que a realização dos trabalhos que devolveram à Sé o ar românico que hoje ostenta foi efectuada até aos anos quarenta do século XX e é a face visível de um nacionalismo monumental que, de facto, se inicia ainda no século XIX, ainda muito longe das teorias do Estado Novo.

Exactamente pelo carácter, competência e rigor dos protagonistas envolvidos, entendemos que aqui deveríamos deixar umas palavras.

2.1 – O PENSAMENTO ROMÂNTICO

A corrente romântica do século XIX legou-nos um tipo de arquitectura sob a forma de belíssimos edifícios, muitas vezes fazendo apelo a correntes arquitectónicas an-